

Magalhães, Antonio Carlos

Acordar do pesadelo

• “Estamos como cachorro que foi esquecido no caminhão de mudança”. A dura metáfora é do senador tucano Paulo Hartung sobre a perplexidade do PSDB com o rumo da aliança governista, que teve ontem na troca de farpas entre o senador ACM e o ministro Pimenta da Veiga, o sinal de que o tecido está roto. Hoje, em São Paulo, Mário Covas reúne-se com outros governadores e dirigentes do partido para discutir o dilema tucano.

Os tiros trocados entre ACM e Pimenta da Veiga tiveram como objeto a convocação do ministro Pedro Malan pela CPI dos Bancos, aventada pelo senador. Pimenta a condenou, dizendo que, como aliado, ACM deveria entender que ela seria danosa ao país. “Ele não manda aqui”, rebateu o presidente do Senado, que agora influencia diretamente também a CPI dos Bancos. Aécio Neves, líder tucano na Câmara, diz que seu partido sustentará a não convocação: ele mesmo, na sexta-feira em Washington, testemunhou a preocupação de investidores, do Governo americano e de organismos internacionais com a possibilidade de a CPI desestabilizar a equipe econômica, gestora do acordo com FMI.

Malan, entretanto, é apenas um detalhe no dilema do PSDB. Zonzos com a conjuntura instalada pelas CPIs, os tucanos tem discursos e visões diferentes da situação, mas é certo que nunca conversaram tanto como agora. Se os aliados do PFL e do PMDB sustentam o fogo das duas CPIs, os tucanos procuram rumo, a posição correta, e sobretudo, não repetir erros recentes.

— Só agora começamos a compreender a realidade do segundo mandato de FH. No primeiro, a perspectiva da reeleição manteve a aliança unida. Neste, tudo é incógnita. É natural que nos perguntemos se devemos continuar com esta aliança. Apesar de tudo, eu acho que sim. Que é preciso curar as feridas e restabelecer a confiança — diz Hartung.

Se tivessem sido mais atentos, teriam os tucanos percebido em novembro, no episódio do grampo, que levou o então ministro Mendonça de Barros a se explicar ao Senado, que os caciques aliados começavam a mudar de comportamento (inclusive ACM, do PFL, e Jáder Barbalho, do PMDB). Mesmo assim, falava-se a boca pequena no PSDB que depois do ajuste fiscal aprovado o PMDB poderia ser posto para escanteio. O troco veio. Tratou o PMDB de fazer-se mais necessário, seguindo o exemplo de ACM, que levantou a bandeira da CPI do Judiciário. Agora, Jáder tenta ser o moderador da CPI dos Bancos. ACM, como diz outro tucano, está com o termômetro na axila popular. Deve ter lido alguma coisa que o estimulou a defender a convocação de Malan e a brigar com Pimenta da Veiga.

Como Pimenta e Aécio, o presidente ontem voltou a externar seu otimismo com o futuro da economia, ao lançar programas sociais sugeridos ao Ministério do Trabalho pelas centrais sindicais. “O bem do país é o bem do povo”, declarou.

Os parceiros da aliança, entretanto, continuam mais interessados em mostrar ao país o bem-estar social de juizes corruptos e a boa vontade do Banco Central com alguns banqueiros.

Como ninguém sabe como terminarão as CPIs, o futuro da aliança virou incógnita. E o do PSDB também. Covas quer sacudir o partido para tudo o que está acontecendo.